

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER COMO DIABÓLICA: DA CAÇA ÀS BRUXAS ÀS NARRATIVAS ORAIS

Sônia Regina Biscaia Veigaⁱ

Resumo: O artigo almeja trazer conotações que a bruxa já recebeu ao longo do tempo e de como os ideais das inquisições se relacionam com as histórias de tradições orais. A pesquisa traz Federici (2017; 2019), que expõe o conceito de bruxaria criado para culpar e retirar direitos das mulheres. Também Russel e Alexander (2019), que fazem um panorama da caça às bruxas, expondo como a partir do século XV, após o lançamento de *Malleus Maleficarum*, começou-se uma propagação de ideias fantasiosas e de como este livro foi um grande responsável por levar centenas de mulheres à fogueira. A pesquisa traz ainda o pensamento de Grosfoguel (2016), que trata sobre os epistemicídios do século XVI, sendo um deles, as mulheres queimadas nas fogueiras. Assim, trazendo como exemplo lendas de Florianópolis, é possível perceber como as mulheres representadas no período das inquisições como seguidoras de Satã, capazes de devorar crianças, possuem as mesmas características das histórias narradas através das gerações.

Palavras-chave: Mulher. Bruxas. Representação Feminina. Epistemicídio. Narrativas Oraís.

THE REPRESENTATION OF WOMEN AS DIABOLIC: FROM THE WITCH HUNT TO THE ORAL NARRATIVES

Abstract: The article intends to bring connotations that the character witch has received over time and how the ideals of the Inquisitions are related to the stories of oral traditions. The research brings Federici (2017; 2019), who exposes the concept of witchcraft created to blame and withdraw women's rights. It also brings Russel and Alexander (2019), who make an overview of the witch hunt, exposing how, after the release of *Malleus Maleficarum*, a spread of fanciful ideas began and how this book was largely responsible for taking hundreds of women at the stake. The research also brings the thought of Grosfoguel (2016), which deals with the epistemicides of the XVI century, one of them being the burning of women at the stake. Thus, bringing the legends of Florianópolis as an example, it is possible to perceive how the women represented in the period of the inquisitions as followers of Satan, have the same characteristics of the stories narrated through generations.

Keywords: Woman. Witches. Female Representation. Epistemicide. Oral Narratives.

LA REPRESENTACIÓN DE LA MUJER COMO DIABÓLICA: DE LA CAZA DE BRUJAS A LAS NARRATIVAS ORALES

Resumen: El artículo trae connotaciones las cuales la bruja ha recibido a lo largo del tiempo y cómo los ideales de las inquisiciones se relacionan con los relatos de las tradiciones orales. La investigación trae a Federici (2017; 2019) quien expone el concepto de brujería creado para quitar los derechos de las mujeres. También Russel y Alexander (2019) quienes hacen un repaso a respecto de la caza de las brujas, exponiendo de qué formas tras el estreno de *Malleus Maleficarum*, comenzó una propagación de ideas fantasiosas; y cómo este libro fue un gran responsable de llevar a cientos de mujeres a la hoguera. Trae Grosfoguel (2016) quien trata a respecto de los epistemicídios, siendo uno de ellos, las mujeres quemadas en la hoguera. Así, trayendo como ejemplo leyendas de Florianópolis, es posible percibir de qué formas las mujeres representadas en el período de las inquisiciones, como seguidoras de Satanás, tienen las mismas características de los cuentos narrados a través de las generaciones.

Palavras clave: Mujer. Brujas. Representación Femenina. Epistemicidio. Narraciones Orales.



1. INTRODUÇÃO

Os saberes foram, através dos tempos, sendo moldados por uma visão única, eurocêntrica, que preza uma pesquisa voltada ao intelecto masculino, branco, cristão e heterossexual, privilegiando um olhar que vem do centro, com acessos a quaisquer locais que desejarem e com uma visão sobre cultura, no singular.

Este é um olhar já moldado por, como nos expõe Aníbal Quijano (2009), uma colonialidade do poder, em que a ideia constituinte de um mundo global e capitalista é criada a partir de pressupostos colonialistas europeus, os quais determinam quem é detentor do poder e quem são os povos “primitivos” e colonizados que devem viver sob o ideal desse poder colonialista. O pensamento do ocidente vem, ao longo dos séculos, criando um discurso com uma história única, como se o objetivo de qualquer povo fosse querer se assemelhar ao poder europeu, “modelo de civilização” do olhar colonialista, não valorizando a realidade social, racial, de gênero, cultural, religiosa, de cada sociedade. O primitivo, para eles, é todo povo que não quer abdicar de suas culturas, crenças e ideologias para viver a partir do pressuposto europeu. O mundo ocidental vem, dessa forma, sendo dominado pelos discursos colonizadores, isso porque como aponta Cusicanqui: “os discursos públicos tornaram-se formas de não dizer. E esse universo de significados e noções não ditas, de crenças na hierarquia racial e na desigualdade inerente dos seres humanos, vão se incubando no senso comum, e explodem de vez em quando, de modo catártico e irracional” (2010, p. 20, tradução minha).

Quando pensamos na poética¹ produzida em cada nação e analisamos as narrativas vindas das tradições orais, percebemos que elas trazem uma contraposição a essa visão única acerca da cultura e do conhecimento. Não existe uma cultura, assim como não existe um conceito único de literatura, analisada, por tantas vezes, a partir de uma raiz na escrita e no pensamento canônico, criada e difundida pelo olhar europeu.

A escrita foi eleita como forma privilegiada de comunicação e, ao fazer isso, outras formas de manifestações poéticas ficaram à margem, deixando a escrita como criadora da história, a tecnologia impressa como dona

¹ A escolha pela palavra poética se deu por abarcar melhor o sentido do que é produzido pelos povos da oralidade, pois literatura aqui não compreende todo o manancial da poesia formular transmitida ao longo dos séculos, dos mais diversos povos. Em distintas tradições orais, a transmissão do conhecimento é atrelada à arte, em formas de canções, poesias, histórias. O que ocorre desde muito antes de existir o conceito de literatura, baseado em uma ideia europeia de escrita.

da propriedade privada das palavras e a oralidade inserida no limbo do analfabetismo.

Ao pensar nestas narrativas orais que a academia separou em gêneros como: contos populares, contos de encantamento, contos maravilhosos, contos de fadas, lendas, mitos, fábulas, causos, traço uma análise para a representatividade feminina neles. Que tipo de história permanece sendo contada? A representação de mulheres nos contos de tradições orais, principalmente nos contos de fadas que nos são apresentados desde crianças, não nos mostram, de fato, uma representatividade feminina. De um lado temos a mulher boazinha que se mantém na submissão e de outro a cruel, a invejosa, a bruxa.

A escolha por essas histórias que nos chegam, desde a mais tenra idade, principalmente as das princesas à espera de serem salvas por seus príncipes encantados, não é, de forma alguma, sem motivo. Trata-se de uma escolha política, de permanecer sendo contado um discurso colonial, deixando claro os ideais patriarcais intrincados em nossa sociedade. Maria Lugones (2014) discorre sobre uma colonialidade que vai além do poder, do saber e do ser, ela discorre sobre a colonialidade de gênero, um sistema que combina raça, gênero, sexualidade e classe. Lugones explana que a colonialidade do gênero permite-me compreender a opressão como uma “interação complexa de sistemas econômicos, racializantes e engendrados, na qual cada pessoa no encontro colonial pode ser vista como um ser vivo, histórico, plenamente caracterizado” (2014, p. 941). Combinado a esse pensamento, busco dentro desse escopo da representação feminina nas narrativas de tradições orais, o pensamento de um enraizamento x liberdade das mulheres. Assim, tenho como objeto principal de minha pesquisa em andamento, narrativas orais que contenham o elemento da transformação de mulheres para pássaros, ou o inverso.

Em minha pesquisa, busco coletar diversas histórias que contenham personagens mulheres-pássaro. Algumas escutei em encontro de contadores de histórias, outras sem nenhuma pretensão acadêmica, fazendo trilhas na Praia Brava, na cidade de Florianópolis, como a história do encontro bruxólico que trago mais adiante, e ainda outras, claro, vieram ao meu conhecimento mais recentemente, em pesquisas específicas. As mulheres-pássaro estão presente desde tempos muito antigos, possuindo muitas referências mitológicas.

Ao analisar estas histórias, é possível facilmente perceber que as imagens

que foram construídas das mulheres-pássaro – aquelas possuidoras da capacidade de voar e ser livres - são muitas vezes associadas à maldade, ao mau presságio, à feitiçaria. Mas será que essas mulheres seriam realmente cruéis, ou ficaram associadas a essa simbologia porque o olhar masculino não estava acostumado a ver mulheres alçarem voos? Será que quando os homens não conseguiram mais prender essas mulheres no chão, inventaram de rotulá-las como bruxas enganadoras e cruéis? Porque ao rotulá-las estão dizendo que só a loucura e o trato com o mal seriam capazes de invocar essa liberdade que a mulher almejava. E, com este discurso, as elites e igrejas poderiam mostrar às outras mulheres ainda presas ao chão que elas deveriam permanecer nesse lugar.

Por meio desse manancial de histórias, vamos percebendo que a permanência da representação da mulher como serva do diabo se mantém desde os tempos inquisitoriais, e mesmo antes destes. A caça às bruxas nunca terminou. Assim, diante de tantos significados que a palavra bruxa vem recebendo, ao longo do tempo, busco trazer neste artigo um recorte sobre a bruxaria, visto esse elemento estar presente em muitas das histórias recolhidas nesta pesquisa de representações das mulheres-pássaro. Para isso, utilizo-me de Federici (2017; 2019) e Russel e Alexander (2019) para pensar como entre mitologias, inquisições² e lendas, a representação bruxólica da mulher que possui liberdades é cíclica, como a oralidade e as crenças difundidas por aqueles que detém o poder sempre caminham juntas.

2. POÉTICAS DA ORALIDADE, MULHERES E O DESEJO DE VOAR

As poéticas orais presentes em tantos povos narram aquilo que faz sentido dentro de suas comunidades. Neste sentido, podemos pensar na relação de Enotexto, termo empregado por Jean-Nöel Pelen (2001), que compreende o narrador que narra considerando a comunidade em que está inserido, isto é, o discurso que uma comunidade tem dela mesma.

Segundo Pelen, há dois tipos de etnotexto. O Enotexto com E maiúsculo, compreendido como o narrador que narra e legitima as histórias dentro de sua comunidade e o etnotexto com e minúsculo, a história que traz significados para a comunidade narrativa, mas que, ao ser retirada dela por contadores ou pesquisadores, se ampliam em interpretações fora de seu contexto de origem.

² Utilizo-me da palavra inquisições, sempre no plural, porque de acordo com Russel e Alexander (2019, p. 14-15) “nunca houve uma única Inquisição, unificada”.

O olhar para as narrativas que tenho em minha pesquisa está distante das relações existentes nas comunidades narrativas, sendo ressignificadas no espaço urbano, sem necessariamente ter um vínculo com esse espaço, carregando assim uma relação de etnotexto. Entretanto, as histórias que são contadas e recontadas são narradas porque continuam trazendo sentidos para as urgências da contemporaneidade. As histórias se mesclam às urgências presentes no nosso tempo e espaço, assim, as narrativas estão, também, em constante modificação. Dessa forma, olhar as histórias de mulheres-pássaro traz elementos sobre os papéis sociais que vêm sendo atribuídos às mulheres ao longo dos séculos.

A figura da mulher-pássaro é bastante representada em diversas narrativas, das quais o pensamento ocidental compreende como mitologias dos mais diversos povos. Nas culturas religiosas de vários povos da antiguidade, e mesmo de nações que se mantêm na contemporaneidade, se veem presentes essas diversas representações de deusas, rainhas e heroínas antigas como possuidoras de asas ou capazes de se transformar em animais alados.

Entretanto, é necessário ressaltar que as narrativas para estes povos vão muito além da ideia que compreendemos como mitologia, pois carregam simbologias que fazem ligações entre o agora e uma ancestralidade que rege o universo e a vida de cada habitante de seu povo. Os mitos falam sobre o cosmo, a humanidade e suas transformações. É um outro sistema cultural em que se pode explicar aquilo que existe, como se pode também explorar aquilo que poderia existir. É uma união dos aspectos físicos com os simbólicos. Sobre esse pensamento, vale a contribuição de Perrone-Moisés (2006, p. 3) quando ela expõe que:

Conceber o mito como reflexão, e não reflexo, permite pensar que o mito é, justamente, um modo de pensar a sociedade em outros termos, de pensar acerca dela, explorando possibilidades alternativas. O importante, nessa perspectiva, é que os mitos são experiências do pensamento sobre o cosmo e a condição humana, em todos os seus aspectos. Tanto podem explicar por que as coisas são como são como explorar o que poderiam ter sido.

Os mitos foram alocados num lugar daquilo que não confere realidade, num lugar fantasioso de tempos remotos, mas eles existem não como um reflexo tal qual aconteceu, mas como uma reflexão sobre as possibilidades do existir. Os povos que se apoiam em seus mitos, os compreendem pensando na força da ancestralidade, na sabedoria de que tudo que existe no universo

tem a sua razão de ser. Muitos povos indígenas, por exemplo, creem que não há hierarquia entre os organismos vivos, que é necessário confluir com todo tipo de vida, no entender das experiências do ontem para melhor viver o hoje. É um processo de sempre rever os significados, percebendo que tudo está em movimento, e que é possível fazer novas traduções, leituras e compreensões dos símbolos.

Diferentes contos de mulheres-pássaro estão também presentes em várias regiões do Brasil. Tomarei neste artigo como exemplo, histórias escutadas na cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina. Lá, há um vasto repertório de histórias de bruxas e feiticeiras que fazem parte da crença dos moradores mais velhos da cidade. Muitas dessas histórias foram recolhidas e se tornaram conhecidas pelas gerações mais novas a partir da pesquisa de Franklin Cascaes.

Contos de bruxas que entram na casa das pessoas transformadas em borboletas, feiticeiras que são transformadas em gaivotas, quando descobertas suas verdadeiras identidades. Há quem diga por lá que, quando se descobre que uma mulher é feiticeira, tem que contar sua real identidade para 70 pessoas, só assim é possível quebrar o encanto, e ela voltar a ser humana. Porém, se contar para menos de 70 pessoas, a mulher se transforma em uma gaivota e vai atrás das pessoas que souberam que ela era feiticeira.

A historiadora nascida na Itália, Silvia Federici, discorre em uma entrevista da Revista online Quatro Cinco Um (2019), que em italiano *strega* significa “bruxa”. Vem da palavra latina *stria*, que na Roma clássica era o nome de um pássaro que trazia má sorte. Se você ouvisse esse pássaro lendário, significava que alguém tinha morrido. Diz ainda que: na língua, a ideia do pássaro deve ter se combinado à imagem da bruxa que voa. Quando eu era criança, ouvia muito a expressão “é uma strega” para se referir a uma mulher má, ou que fazia coisas consideradas erradas. Essa relação do pássaro com a mulher má remete há um passado bastante longínquo, e percebendo essa presença desde mitos e histórias antigas, vamos observando como o machismo é estrutural na sociedade, e como a visão do que é ser mulher, e de como devemos nos portar, vem sendo construída há séculos e séculos.

3. O EPISTEMICÍDIO DA CAÇA ÀS BRUXAS E A HERANÇA NA SOCIEDADE DE HOJE

Quando ouvimos a palavra bruxa, quais são as primeiras representações que comumente vêm à nossa mente? Podemos dizer que numa visão de senso

comum, ouviríamos respostas como: Madrasta da Branca de Neve, Malévola, Bruxa Má do Oeste, Úrsula, Sabrina, Samantha ou ainda as representadas em filmes como *Convenção das Bruxas* e *Abracadabra*. Dentre essas representações, excetuando as duas de seriados, Sabrina e Samantha, são todas mulheres representadas no lugar da crueldade e algumas, da feiura. Estas representações surgem com bastante força de um universo das adaptações dos contos de fadas, principalmente audiovisuais, rotuladas dentro de uma compreensão como um ser inteiramente composto por maldade.

Em algumas bruxas dos contos de fadas, e de narrativas de tradições orais, de um modo geral, é possível perceber vários elementos nas bruxas que vêm de uma tradição de mitologias. Bruxas cujas características derivam de deusas antigas de culturas politeístas. Se formos para além dessas bruxas representadas pela visão das versões Disney do século XX, e irmos para suas infinitas versões escritas e contadas oralmente ao longo dos anos, podemos pensar em outras bruxas com características semelhantes presentes nos contos tradicionais, como a russa Babayaga, a bruxa do conto *As Fadas*, do francês Charles Perrault ou a alemã Sra. Holle, dos contos dos Grimm. Nestas, encaramos bruxas que não são só cruéis ou só boas, sendo muito perceptível que suas mudanças de atitudes variam de acordo com as características e atitudes de quem as procuram, elas não agem da mesma maneira com todas as pessoas.

Nisto entra a questão da dualidade da bruxa, nelas não há a separação entre a maldade e a bondade, característica também presente nas deusas. As deusas são como os humanos. Não existe alguém que é inteiramente bondade ou inteiramente maldade. Os deuses tinham luz e sombras dentro deles, assim como todos nós temos.

No livro *História da Bruxaria*, os autores Russell e Alexander (2019) abordam como a separação dessa dualidade do ser para um ser só bom ou um ser só mau, se deu com Zaratustra por volta de 600 a. C. A dualidade foi sendo substituída pelo maniqueísmo, se perpetuando nas visões dos próximos séculos ao se relacionar com os ideais divulgados pelo cristianismo. No *Dicionário de Mitos Literários*, organizado por Pierre Brunel, Gaborit, Guesdon e Caporal expõem como as feiticeiras passaram a ser vistas nos séculos XVI e XVII:

A Igreja e os juízes estabelecem então uma ligação entre o sexo feminino e a morte. A figura do Diabo não fazia parte do mito da feiticeira; foi um doloroso enxerto feito na feiticeira, numa perspectiva inversa à

da Virgem Maria: a mulher-mãe sem sexo por oposição ao prazer e o corpo de mulher sexuada que atrai e repugna os homens. A feiticeira, envelhecida, volta ao folclore e às cidades do interior para lá reencontrar os traços, as práticas de outrora (2000, p. 350).

Assim, ao olhar para as características dessas bruxas dos contos vindos da oralidade, não há como não pensar no contexto histórico das mulheres reais queimadas como bruxas. A caça às bruxas que, segundo Federici (2017), durou aproximadamente de 1450 a 1750, teve durante esses 300 anos mais de 110 mil pessoas acusadas de bruxaria, queimadas ou enforcadas, sendo a maioria esmagadora mulheres.

É difícil imaginar que a feiticeira já pôde um dia ancorar-se na realidade como uma personagem positiva e mais como um agente da harmonia do que de catástrofes. Sua era de felicidade remonta aos tempos pagãos, tempo fundador do mito cristalizado e esquecido. Ela é, então, neta da Deusa Mãe, Rainha do céu na Babilônia, prima de Ísis no Egito, de Istar na Assíria, de Innanna na Suméria e de Astartéia na Fenícia. Está tão próxima de Vênus/Afrodite, a deusa do Amor, quanto da verdadeira força criadora, além de guardar proximidade com Circe, aquela que preside às metamorfoses, e com Cassandra, a incomparável adivinha. Ela é sem sombra de dúvida, mulher, dotado de um corpo jovem e sexuado, feito para o prazer e a maternidade. Seu poder é total, ela preside a vida e a morte, vela pelas colheitas, governa os elementos e também os homens nas sociedades de tipo matriarcal (GABORIT, GUESDON e CAPORAL 2000, p. 349).

Carolina Rocha Silva escreve em sua dissertação, “O sabá no sertão: feiticeiras, demônios e jesuítas no Piauí colonial (1750-58)”, que culpar a feiticeira era o jeito mais fácil para oferecer explicações para aquilo que ainda não se entendia, para aquilo que era imprevisível ou inesperado. Se a medicina ainda não tinha os conhecimentos que hoje tem e não conseguia oferecer curas para as doenças, a alternativa para não culpar os médicos, detentores do conhecimento, era criar um bode expiatório, criar uma personagem: culpar a bruxa, seguidora e propagadora dos ideais de Satã.

O conhecimento do oculto, na perspectiva da elite religiosa, só pode provir de três fontes: do estudo e do saber humano (limitado à cultura escrita); da revelação divina (reservada aos santos, beatos, homens piedosos tocados pela Graça); da intervenção diabólica (à exceção da profecia e da visão de origem divina, toda adivinhação é uma arte demoníaca) (BETHENCOURT, 2004, p. 143).

Falar de bruxa é também falar de rebeldia, de mulheres que iam além daquilo que a sociedade impunha como não sendo coisa de mulher. É falar de mulheres com conhecimentos naturais, medicinais, mulheres que os homens não conseguiram prender ao chão. Mulheres que conseguiam viver suas vidas sem depender de ajuda masculina, ou mesmo aquelas que não tinham escolha, viúvas, solteiras, sem filhos, ou órfãs, que aceitariam auxílio, mas não tinham a quem recorrer.

Grosfoguel (2016) trata sobre o que ele considera os quatro grandes epistemicídios ao longo do século XVI:

1. contra os muçulmanos e judeus na conquista de Al-Andalus em nome da “pureza do sangue”;
2. contra os povos indígenas do continente americano, primeiro, e, depois, contra os aborígenes na Ásia;
3. contra africanos aprisionados em seu território e, posteriormente, escravizados no continente americano;
- e 4. contra as mulheres que praticavam e transmitiam o conhecimento indo-europeu na Europa, que foram queimadas vivas sob a acusação de serem bruxas (2016, p. 31).

Sobre o quarto epistemicídio citado, Silvia Federici (2017) expõe como a caça às bruxas veio como uma forma de sequestro da autonomia que as mulheres possuíam. As feiticeiras que a partir da Idade Moderna foram vistas como servas do diabo eram mulheres, na maioria das vezes pobres, solteiras ou viúvas, independentes, sábias, curandeiras, conhecedoras dos poderes das plantas e da natureza. Quando estas mulheres foram queimadas nas fogueiras, as inquisições estavam queimando junto saberes, cosmovisões e a resistência contra a exploração capitalista que começava a se propagar.

Para a filósofa e ativista feminista, María Lugones:

A confissão cristã, o pecado e a divisão maniqueísta entre o bem e o mal serviam para marcar a sexualidade feminina como maligna, uma vez que as mulheres colonizadas eram figuradas em relação a Satanás, às vezes como possuídas por Satanás. A transformação civilizatória justificava a colonização da memória e, conseqüentemente, das noções de si das pessoas, da relação intersubjetiva, da sua relação com o mundo espiritual, com a terra, com o próprio tecido de sua concepção de realidade, identidade e organização social, ecológica e cosmológica. Assim, à medida que o cristianismo tornou-se o instrumento mais poderoso da missão de transformação, a normatividade que co-

nectava gênero e civilização concentrou-se no apagamento das práticas comunitárias ecológicas, saberes de cultivo, de tecelagem, do cosmos, e não somente na mudança e no controle de práticas reprodutivas e sexuais (2014, p. 938).

As visões de outros saberes, de outras formas de ver o mundo, que não a da colonialidade do poder, do homem branco cristão, veio através dos séculos sofrendo tentativas de apagamento. Lugones expõe ainda que “a imposição colonial do gênero atravessa questões sobre ecologia, economia, governo, relaciona-se ao mundo espiritual e ao conhecimento, bem como cruza práticas cotidianas que tanto nos habituam a cuidar do mundo ou a destruí-lo” (2014, p. 935).

Muito do que ocorreu na história da humanidade vai se transformando em narrativas que vão sendo contadas em forma de lendas e mitos dessas sociedades. Quando, no século XV, foi lançado o livro *Malleus Maleficarum*, editado no Brasil como “Martelo das feiticeiras”, os autores Heinrich Kramer e James Sprenger expuseram os modos como as bruxas deveriam ser vistas, o que faziam e as formas de identificá-las. Este livro foi bastante difundido na época, e foi também responsável por acusar injustamente e condenar à morte centenas de mulheres.

Hoje, olhando os tantos contos de fadas e lendas presentes nas culturas orais, é bastante visível como muitas dessas características se mantêm. Pensando nessas relações entre inquisições e lendas, trago aqui uma história de um encontro bruxólico, recontado por mim a partir do que ouvi de um pescador na Praia Brava, em Florianópolis³.

Há uns 60 anos, aqui na Praia Brava, aconteceu um grande Congresso Bruxólico. Pode perguntar para qualquer pescador mais antigo da região que eles irão contar exatamente como se deu. Foi mais ou menos assim:

Alguns pescadores como de costume pegaram sua canoa e foram para o mar em busca de peixes. Já haviam pescado uma grande quantidade quando viram no alto daquela grande pedra meio cinza meio branca lá (pedra que ainda pode ser vista por qualquer visitante da praia) vários seres sombrios chegando voando e se aglomerando nela. Bem na frente da rocha havia uma bruxa horripilante com a cara mais assustadora que se pode

³ Assim escutei de um morador, durante um passeio na Praia Brava, em 2017, porém há uma versão bastante parecida dessa história contada no livro “O fantástico na ilha de Santa Catarina”, de Franklin Cascaes.

imaginar. Esses seres todos olhavam para o mar, mas mesmo olhando em direção da canoa dos pescadores, os seres não viam os pescadores. Eles não conseguiam entender o porquê, mas se sentiam aliviados por isso. Mal deu tempo de sentir o alívio quando outro susto se deu. Por trás deles vinha vindo um grande ser com aparência de um morcego vermelho sobrevoando os céus. As bruxas quando o viram ficaram com medo nos olhos e entraram rápido numa grande casa que havia surgido bem no topo da grande pedra, assim de repente, um minuto não tinha nada, no outro tinha uma casa, como se ela sempre tivesse estado lá. Quando o morcego chegou na pedra ele se transfigurou no diabo, o coisa ruim em pessoa e entrou na casa. Os pescadores com medo de saírem da canoa e serem vistos, passaram a noite dentro dela e acabaram dormindo. Quando acordaram, os peixes estavam apodrecendo dentro da canoa. Olharam para a pedra e viram a vegetação em cima dela destruída e achatada, como se ali em cima realmente tivesse existido uma casa, mas da casa, das bruxas ou do diabo, nem sinal. Voltaram para a vila e contaram a todos, porém quase ninguém acreditou. Os pescadores insistiram que era verdade e o povo da cidade falou para eles irem se benzer. Eles foram. O padre que os benzeu, muito conhecido na região, acreditou logo de cara neles e disse que eles tinham presenciado ali naquela pedra, um congresso bruxólico. O dia em que as bruxas se encontram com o diabo para lhe prestarem contas, para darem satisfações das maldades que cometeram durante o ano. Se o diabo perceber que a bruxa não foi má o suficiente, ele a mata na hora. O padre disse ainda que os seres mágicos só não os viram, porque todos eles carregavam no bolso um dente de alho, ação muito comum na ilha das feiticeiras para espantá-las.

O pescador ainda me alertou: então quem quiser visitar a Praia Brava, fica a dica de ter um dente de alho no bolso, vai que você chega lá bem no dia do próximo acerto de contas das bruxas com o diabo.

Essas histórias sempre me encantaram. Ávida por ouvir narrativas orais, sempre fico de ouvidos abertos a essas histórias. Gostamos de ouvir as lendas do lugar, essas histórias que o povo conta e jura de pé junto que aconteceram. Mas, apesar de ter ouvido essa história já há alguns anos, foi mais recentemente, pensando no epistemicídio da caça às bruxas, a partir da Idade Moderna, que comecei a perceber a herança do pensamento propagado pela igreja, pela elite da época e pelo Malleus Maleficarum para acusar, perseguir e matar tantas mulheres nas crenças e histórias contadas no Brasil. É gostoso ouvir uma lenda, no entanto, é necessária a compreensão de que a narrativa presente nesta lenda é a permanência de uma ideia

responsável por levar tantas mulheres à fogueira.

Essa demonização das mulheres, vista em tantas narrativas hoje, veio com força na caça às bruxas com a criação dos sabás, que conforme Silva (2013, p. 20) ressalta:

O sabá foi produto do medo das elites intelectuais com a feitiçaria organizada, que seria capaz de gerar uma antissociedade governada por Satã no mundo. Muitos estudos sobre magia e religião defendem que apesar do sabá diabólico ter sido um mito produzido pela cultura douta nessa época, ele não foi uma invenção infundada, mas sim construída a partir de tradições folclóricas milenares das populações camponesas europeias. Por isso, também encontrou aceitação popular. Muito antes de o sabá constar nos processos contra bruxas na Europa, os camponeses já compartilhavam mitos sobre voos mágicos, sobre mulheres que se transformavam em corujas voadoras devoradoras de crianças, sobre comportamentos sexuais transgressores (com registros, inclusive, nos textos bíblicos), sobre seitas secretas conspiratórias, dentre outros relatos.

Essa adaptação das lendas e tradições da qual a autora fala é um ciclo que vai das histórias contadas à história vivida, para as histórias contadas e vividas novamente. Um ciclo criado a partir do pensamento dominante do lugar que cabia às mulheres. Pensando nessas derivações folclóricas, retorno à velha senhora citada anteriormente, a Sra. Holle, uma personagem derivada da deusa Holda.

Russel e Alexander (2019) expõem que, nos territórios onde hoje estão os povos germânicos, Holda era a grande senhora das bruxas. Havia uma procissão de espectros e espíritos que destruíam tudo por onde passavam e essa procissão era liderada pela deusa Holda. História semelhante é encontrada no livro “O fantástico na ilha de Santa Catarina”, em que Cascaes conta de uma procissão de espíritos que ocorria no cair da noite. Diferentes países, diferentes séculos, histórias que caminham junto a humanidade.

Segundo Russell e Alexander (2019), Holda tinha atributos, como, por exemplo, receber orações para mudança de clima. Ela era responsável pela limpeza do céu, diziam que quando se chovia ou nevava na cidade, era ela lá em cima limpando a casa. Isso pode ser visto também no conto da Sra. Holle, no livro dos irmãos Grimm. “Só tem de cuidar muito bem da minha cama e sacudir muito bem o cobertor para que as penas voem, porque aí neva na terra. [...]

Quando se neva em Hessen se diz que a sra. Holle está arrumando a cama” (GRIMM, 2015, p. 133). Nisso se vê, mais uma vez, como os contos de fadas bebem das fontes mitológicas.

Holda era associada à noite e a lua, tinha uma ligação com a deusa romana Diana e, por sua vez, com a versão grega Ártemis. Entretanto, Holda não era uma deusa muito cultuada no período da caça às bruxas. A mais conhecida era Diana, também relacionada à lua e à caça, sendo que ela, junto seu arco e flecha, transportava a luz, carregando uma tocha por onde andava para melhor enxergar os caminhos, tal qual Babayaga, a detentora do fogo.

Dessa forma, como discorrem Russell e Alexander (2019), a relação Holda-Diana foi algo arquitetado, acrescentando e modificando atributos de Holda em Diana, descrevendo Diana como líder da procissão de espíritos destruidores, aproximando-a de Hécate, a deusa grega do mundo subterrâneo. Assim, criou-se que Diana era a condutora dos sabás e aqueles que a acompanhavam em um cortejo eram as bruxas do coven. Para que assim fosse mais fácil demonizar, porque como Diana tinha seguidoras nos países europeus, propagou-se que quem a cultuasse era seguidora de satã.

Com isso, podemos pensar sobre a forma que as narrativas orais vão mudando com o passar dos anos. Nesse quem conta um conto aumenta um ponto, algumas histórias vão mudando à medida que interesses e urgências do período vão se apresentando, dependendo do lugar para onde essa história viajou, os costumes, as culturas e as novas formas de ver o mundo, as mudanças vão se reconstituindo de forma natural no percurso do tempo. Entretanto, outras histórias são modificadas propositalmente, arquitetadas da melhor forma a fim de demonizar quem quer que as elites, a igreja ou o colonizador queira. Neste caso, as mulheres que tinham relações com a natureza, com a lua, com o conhecimento natural do mundo. Mas os discursos sobre a história são modificados e arquitetados a bel-prazer do colonialista o tempo todo, discursos sobre as mulheres, sobre as populações indígenas, negras, judeus, LGBTQIA+ e vários povos que vêm sendo perseguidos através dos tempos.

Outras personagens, anteriores à construção diabólica da personagem bruxa, mas que influenciaram muito na definição que levaria posteriormente centenas de mulheres à fogueira, são as sibilas, da Grécia Antiga. De acordo com Warner (1999), as sibilas eram mulheres oraculares, que conheciam sobre o passado e sobre o futuro, mulheres dotadas de uma natureza ocul-

ta que contavam histórias e profecias. Normalmente mulheres mais velhas que eram vistas como sábias. Elas ficavam comumente nos templos de Apolo e designavam os destinos de quem por lá passava. Mas na transição para a Idade Moderna, a representação dessas senhoras dotadas de conhecimento e de poderes oraculares sofre uma mudança. As sibilas que antes eram importantes, tidas em alta conta, agora perderiam sua valia e passariam a ser vistas como bruxas, seguidoras de satã. As senhoras velhas que antes eram identificadas positivamente, como sinal de sabedoria, passaram a ser vistas como as porta-vozes do diabo. As profecias que elas realizavam, antes vistas como verdadeiras, agora eram identificadas como mensagens do demônio.

As referências de todas estas mulheres velhas e sábias foram também trazidas para os contos de fadas, nas versões mais difundidas no ocidente, mas não como sábias e sim como a velha feia e maléfica. Marina Warner (1999) discorre sobre como vai se mudando o olhar de quem é essa mulher em função dos ideais masculinos do período. Tal qual, as sibilas que, de oráculos, conhecedoras do destino, foram vilanizadas e demonizadas. Entretanto, as bruxas destes contos são também sibilas. Malévola decreta o destino de Aurora. A Mamãe Gothel, bruxa de Rapunzel exige o destino dizendo: “agora essa menina é minha”.

Gaborit, Guesdon e Caporal (2000, p. 348) exprimem que:

Se a feiticeira e suas múltiplas representações aparecem daí por diante como um arquétipo de nossa cultura inscrita na literatura, na pintura, na ópera, é porque ela no início teve vida; e na qualidade de ser humano suspeito ou perseguido, pertence ao registro da palavra.

Russell e Alexander (2019) analisam as diferenças entre feitiçaria e bruxaria. Bruxas foi um nome imposto, um estereótipo disseminado para muitas mulheres, inclusive para as feiticeiras, mulheres que tinham conhecimento da natureza, dos cosmos, das curas, unguentos, adivinhações ou em outra palavra, sibilas. As feiticeiras têm uma relação próxima com crenças de muitos povos originários, pois eles entendem que o cosmo é um todo, de modo que existem relações entre todos os fenômenos naturais e humanos, animais e plantas. A feiticeira é aquela que tenta ligar essas relações, convoca as forças ocultas, movimentando isso a seu favor ou a favor daquilo que se deseja. Essa diferenciação dos conceitos é encontrada também nas histórias contadas em Florianópolis “a mulher feiticeira aprende uma com

a outra, mas a bruxa não, bruxa já nasce bruxa” (BORGES, 2007, p. 130).

Silvia Federici expõe em *O Calibã e a Bruxa* (2017) a origem e modificações da palavra tagarelice. Inicialmente foi utilizada para falar sobre os coletivos de mulheres que costumavam se reunir para conversar enquanto fiavam, costuravam, lavavam, faziam as tarefas domésticas rotineiras. No início da caça às bruxas, a palavra muda para o sentido pejorativo que se tem hoje. Esses encontros passam então a ser proibidos e visto como lugar de fogueiras que tramavam ideias para os sabás. Warner (1999) também expõe sobre a tagarelice e descreve que muitas das histórias que eram narradas nesses momentos do trabalho físico e repetitivo - histórias estas que também estavam nas bocas das sibilas - foram incorporadas às vozes das narradoras que mais tarde narrariam para Basile, Perrault e os irmãos Grimm, ficando assim conhecidas até hoje como histórias escritas por mãos masculinas.

Especialista na arte das encantações e fórmulas mágicas, a feiticeira nasce linda Sibila, Cassandra pagã, e morre nas fogueiras cristãs, condenadas pelas palavras que foram suas armas secretas. A feiticeira, ser dotado de palavra, vive na palavra de outros contadores de histórias ou inquisidores (GABORIT, GUESDON e CAPORAL 2000, p. 348).

Silvia Federici (2017) expõe ainda como durante a transição do período da Idade Média para a Idade Moderna foram se criando os cercamentos de terras. Os membros com alto poder aquisitivo da classe camponesa, dona de terras, foram cercando as terras comuns, acabando com os direitos consuetudinários que possuíam a população agricultora. Com isso, as mulheres mais velhas foram as mais afetadas, pois com a ascensão do capitalismo, mulheres que antes eram donas de terras, trabalhadoras rurais, curandeiras, parteiras foram impossibilitadas de continuar exercendo esses trabalhos. A elas era aceito o trabalho dentro de casa e aos homens o de plantar e trazer comida para dentro de casa. Assim, as viúvas não possuíam mais de onde tirar o sustento.

Nesse período em que, conforme Federici (2017) declara, se instalava lenta e gradualmente o capitalismo, a caça às bruxas difundiu as estruturas para a construção da exploração das mulheres e dos trabalhadores. Dessa forma, desde aquela época, a exploração capitalista se apresentou como o grande evento responsável por impedir a participação, a força e a resistência feminina que até então eram presentes nas sociedades de quase o mundo inteiro.

A historiadora Silvia Federici (2017) acrescenta ainda que a partir disso foi se criando de forma lenta, uma hierarquização da divisão dos trabalhos, pela ótica do sexo biológico, deixando claro o trabalho separado da produção e da reprodução. Assim, foi se criando a ideia de que as mulheres deveriam trabalhar dentro de casa. Aquelas que não aceitavam essas mudanças começaram a ser perseguidas como bruxas e os homens deveriam ser os provedores, trabalhar fora de casa e receber um salário por isso. Para as mulheres foi dado o trabalho reprodutivo, ter filhos para gerar mais mão de obra, se tornando assim dependentes dos homens, pois deles vinham a fonte de sustento, criando assim as bases para que o sistema capitalista se mantivesse funcionando.

Durante a Idade Média, dentro do sistema feudal, todo trabalho contribuía para o sistema familiar, mas na transição para o capitalismo, todo o trabalho doméstico foi perdendo o seu valor, pois o mesmo não gerava ou rendia capital. Dessa forma, Federici (2017) expõe então que, com os cercamentos de terras, o homem perdeu a posse da propriedade privada da terra, mas ganhou a posse da propriedade privada das mulheres.

Esse cercamento não foi apenas de terras, mas sim um cercamento do conhecimento natural, do entendimento do corpo feminino, da relação da mulher com a natureza, da compreensão de que nós precisamos estar em confluência com todos os organismos vivos da terra. As inquisições perseguiram as mulheres que lutavam pela sobrevivência, as que não queriam ser obrigadas a ter um filho atrás do outro para gerar mais mão de obra, as que, diante da limitada medicina da época, se perdiam crianças, se seus bebês morriam, eram tidas como bruxas que matavam e devoravam crianças, as que tinham conhecimento de plantas e ervas naturais, as que por essas razões eram acusadas de pactos com o diabo. Aquelas que somadas chegaram a centenas de milhares de mortas. Tudo era visto como heresia. “A Igreja, por sua vez, usava a acusação de heresia para atacar toda forma de insubordinação social e política” (FEDERICI, 2017, p. 73).

Federici (2019) evidencia ainda que com os processos de colonização no Novo Mundo, essas ideias criadas sobre como deveria ser o comportamento das mulheres, fortificadas pelo *Malleus Maleficarum*, também vieram junto com os europeus que aqui invadiram. Assim, muitas mulheres, principalmente indígenas e negras escravizadas foram acusadas de bruxarias e mortas em todo o continente americano.

A história da bruxaria se manifesta também nos contos e lendas narrados nas comunidades orais. Uma história de tradição oral em que percebemos a presença de uma mulher queimada na fogueira por viver em uma sociedade que sempre deseja podar seus voos e que não deixa ela se alimentar de outros saberes é um conto do povo Tupari, nação que habita a Rondônia e que reconto a partir da versão de Mindlin (1998, p. 36):

Contam os avós Tupari que tinha uma mulher casada que todas as noites se dividia em duas. A cabeça partia em busca de carne e outros alimentos de outras malocas e aldeias; já o corpo mutilado sem cabeça permanecia na rede, carinhosamente abraçado ao marido.

De madrugada, quando a cabeça da mulher estava supostamente saciada, ela voltava e colava-se ao próprio corpo de novo. E assim, seguiam-se as noites e o marido nada percebia sobre a ausência da cabeça da mulher, porém todos os dias ele acordava com marcas de sangue no peito, sem saber o porquê, sem saber de onde vinham.

Intrigados com aquele sangue que aparecia todos os dias no peito do rapaz, seus parentes resolvem ficar à espreita. E no meio da noite vão dar uma olhada na rede do rapaz e descobrem o corpo da mulher sem a cabeça. Horrorizados e assustados, pegam aquele corpo e o jogam numa fogueira. A cabeça, de longe, urra de dor e vem voando para colar-se ao corpo no meio das chamas. A mulher, inteira outra vez, no meio da fogueira, se transforma então em um bacurau para como pássaro poder fugir e assim sair voando por cima das chamas.

Nas noites seguintes, lamuriosa, o pássaro vinha chamar o marido. Mas furiosa com os parentes que a queimaram viva, ela agora havia se tornado um Tarupá, um espírito malévolo. Ela diz ao seu marido que o ama e pede que ele a acompanhe. Depois de muito hesitar, ele a segue, aprendem ambos a voar, vão para o reino do céu agarrando-se a um cipó, atingem as alturas, onde passam a viver com os outros bacuraus. Estes têm fama de assustadores, de pássaros sobrenaturais. Os Tuparis acreditam que quando o bacurau canta à noite é o espírito da mulher bacurau anunciando que alguém vai morrer. Alguns ainda dizem que quando alguém é morto, o bacurau sente o cheiro de sangue e desce para comer sua carne.

Teria sido essa história, contada por uma nação indígena da Rondônia, influenciada pelos ideais inquisitoriais? As nações indígenas possuem muitos

mitos de origem, histórias para contar como cada coisa que existe no universo chegou até nós. Antes do contato desta nação indígena com os colonizadores inquisidores, será que eles já possuíam histórias com mulheres queimadas vivas? A história sobre o pássaro bacurau sofreu transformações ao longo do processo de colonização? O quanto das ideias inquisitoriais difundidas pelos colonizadores há nas histórias contadas oralmente nas comunidades narrativas? O quanto dos mais diversos mitos há dentro das histórias criadas nas perseguições das inquisições para se reconhecer mulheres bruxas? Da mitologia para a caça às bruxas, da caça às bruxas para as lendas: história e estórias sobre o silenciamento da mulher e o corte de suas asas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar as mitologias é um caminho que anda cada vez mais para trás, uma nação que vai bebendo fontes de outra nação. Por esta razão, não é possível falar em conto original quando se fala em contos de fadas, mitologias, lendas. É comum escutarmos, por exemplo, “os contos originais”, quando se trata de contos de fadas, nomeando Perrault ou os irmãos Grimm, mas antes deles vieram vários, e importante dizer, várias que beberam da fonte da oralidade e que até escreveram estes contos.

Muitas são as narrativas de origem na oralidade em que há a representação da mulher por meio de uma transformação para um pássaro, seja por um encantamento, seja por objetos mágicos, por feitiçaria ou por intervenção divina. O animal pássaro é muito presente nas narrativas orais, sendo aquele que traz as notícias que podem auxiliar a heroína/ herói em sua jornada ou também como símbolo de mau ou bom presságio. Saber escutar a sabedoria que vem do conhecimento ancestral de mulheres, o ensinamento que vem dos cantos dos pássaros é necessário para que não escutemos apenas as mesmas histórias escritas por mãos europeias masculinas.

Infelizmente, assim como os demais epistemicídios do século XVI, a caça às bruxas ainda persiste. Em alguns países, como o Brasil, se mantém existindo, mesmo que sem propriamente o uso da palavra bruxa, mas ela é vista no alto índice de feminicídios e violência doméstica presente nas estatísticas nacionais todos os anos. Federici (2019) expõe ainda que em países como Índia, Benin, Camarões, Tanzânia, República Democrática do Congo, Uganda e Gana, nas últimas décadas, a caça às bruxas tem ganhado força novamente. Não são poucas as mulheres acusadas de pactos com o diabo

que vem sendo perseguidas e mortas.

Por fim, a partir da escuta de contos de tradições orais, como, por exemplo, as da cidade de Florianópolis citadas aqui, é possível perceber uma forte herança colonial e uma presença muito forte de ideias relacionadas ao genocídio da caça às bruxas que se iniciou na Europa e se espalhou pelas Américas, África e Ásia. A crença da bruxa como possuidora de pactos com o diabo, de sugadoras de sangue de crianças, de cometedoras de infanticídios são aspectos que eram considerados características das bruxas queimadas nas fogueiras e que estão também presentes nas histórias orais escutadas na capital de Santa Catarina. Dos contos orais às inquisições, as histórias se entrelaçam.

As fogueiras continuam e hoje se apresentam de muitas formas, com a perseguição não apenas às mulheres, mas aos negros, indígenas e comunidades LGBTQIA+. A violência e a morte de minorias são notícias, infelizmente, diárias. Porém, em um momento em que os movimentos das minorias têm levantado cada vez mais suas vozes, numa luta pelos direitos, os inquisidores se apresentam em toda parte, pois estes nunca deixaram de existir, a caça às bruxas nunca deixou de existir. Todavia, nunca houve um período em que todas as mulheres acataram terem suas asas arrancadas e viveram sem voz. Às vezes foi necessário, para manterem-se vivas, apenas sussurrar. Mas foram esses sussurros que trouxeram a força das vozes que hoje ecoam.

REFERÊNCIAS

BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BORGES, Elaine; OROFINO, Bebel. **Vozes da Lagoa**. Florianópolis: Nauemblu Ciência e Arte, Fundação Cultural e Florianópolis Franklin Cascaes, 2007.

CASCAES, Franklin. **O fantástico na ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2015.

CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. 1. ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

FEDERICI, Sílvia. **O calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Sílvia. **Mulheres e caça às bruxas**. Trad. Heci Regina Candiani. 1.^a ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FEDERICI, Sílvia. Caça às bruxas ajuda a entender aumento de feminicídios, diz Sílvia Federici. In: CARVALHO, Paula. **Quatro Cinco Um: A Revista dos Livros**. 2019. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/entrevistas/ciencias-sociais/caca-as-bruxas-ajuda-a-entender-aumento-de-feminicidios-diz-silvia-federici>. Acesso em: 18 mar. 2021.

GABORIT, Lydia; GUESDON, Yveline; CAPORAL, Myriam Boutrolle. Feiticeiras. In: BRUNEL, Pierre. (Org.). **Dicionário de Mitos Literários**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.

GRIMM, Jacob e Wilhelm. **Contos maravilhosos, infantis e domésticos**: 1812-1822. Trad. Christiane Röhr. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. In: **Revista Sociedade e Estado**, 31, n. 1, jan./abr. 2016.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. In: **Feministas**, Florianópolis, 22, n 3, 320 p, set-dez/2014.

MINDLIN, Betty. Uma bruxa nordestina: um tesouro Tremembé. In: **Itinerários**, Araraquara, n. 13, 1998.

PELEN, Jean-Nöel. **Memória da literatura oral**. A dinâmica discursiva da literatura oral: reflexões sobre a noção do etnotexto. Projeto Histórias (PUC-SP), São Paulo. 22, 2001.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. **Mitos ameríndios e o princípio da diferença**. 2016. Disponível em: <https://artepensamento.com.br/item/mitos-amerindios-e-o-principio-da-diferenca/> Acesso em: 16 out. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula. **Epistemologias do**

Sul. Coimbra: Edições Almedina AS, 2009.

RUSSELL, Jeffrey B; ALEXANDER, Brooks. **História da bruxaria**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SILVA, Carolina Rocha. **O sabá no sertão**: feiticeiras, demônios e jesuítas no Piauí colonial (1750-58). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em História, Niterói, 2013.

ⁱ Doutoranda em Letras Estudos da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orcid: <http://orcid.org/0009-0009-1551-9247>

E-mail: soninha.biscaia@gmail.com

Artigo recebido em: 04 abr. 2023. | Artigo aprovado em: 30 maio 2023.